

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

BARRO PRETO: A Jornada Antirracista entre a Dor Pessoal, a Formação no ODEERE e a Práxis no Quilombo

Ângela Eça de Oliveira Almeida¹ 

RESUMO

Este artigo narra e analisa uma trajetória pessoal e profissional marcada pela busca por uma educação antirracista, impulsionada por experiências de racismo e inquietada pelo encontro com o Órgão de Educação e Relações Étnico-Raciais (ODEERE). A partir de relato de experiência, triangulando os papéis de pesquisadora, diretora de escola quilombola e incentivadora de atuação monitoria discente da educação básica no espaço ODEERE, discute-se a necessidade fundamental do estudo, diálogo e pesquisa sobre educação étnico-racial para a construção de Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) efetivamente antirracistas. Neste sentido discuto neste texto como esse processo fricciona privilégios da branquitude e desafia estruturas ideológicas hegemônicas, com base nos referenciais teóricos de acadêmicos do ODEERE. As ações desenvolvidas, como a monitoria de estudantes da educação básica em eventos acadêmicos e o reconhecimento de uma escola quilombola, evidenciam caminhos possíveis para a descolonização do currículo e a promoção da consciência crítica, reafirmando a etnicidade como construção relacional e política.

Palavras chave: Ativismo. Educação Étnico-Racial. Pesquisa.

Introdução

A trajetória que culmina neste relato inicia-se não em um ponto geográfico ou temporal específico, mas em uma teia complexa de relações sociais, familiares e educacionais profundamente marcadas pelas estruturas do racismo brasileiro. O contexto de crescimento foi permeado pela ideologia da meritocracia, como um véu sutil que encobria as desigualdades raciais e sociais, atribuindo o sucesso ou fracasso unicamente ao esforço individual. A figura patriarcal familiar, um homem

¹ Professora do Colégio Estadual Paulo Freire. Pesquisadora do ODEERE. Ex-Gestora de escola quilombola, com o prêmio Selo Educação para Igualdade Racial. Idealizadora do Projeto EMPRETECser o Modelo, com Prêmio Makota Valdina. luaangela15@gmail.com



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

branco vindo do Recôncavo Baiano para o Sudoestes, personificava a figura do "coronel" que, embora de "baixo clero", reproduzia as hierarquias raciais vigentes: pessoas negras não adentravam sua casa pela porta principal, nem recebiam o cumprimento formal do aperto de mão, enquanto suas filhas eram destinadas ao casamento e os filhos incentivados a uma formação que perpetuava o status quo. A religiosidade sincrética, que acendia velas para santos católicos e caboclos, convivia com a rígida estrutura social que relegava famílias negras ao não lugar e a uma relação de compadrio assimétrica, onde entregar filhas e filhos para serem batizadas por "coronéis" era uma estratégia de sobrevivência e busca por proteção, mascarada como "vontade de Deus".

A formação escolar, nas décadas de 80 e 90, refletia essa estrutura, direcionando para determinadas "habilidades" enquanto reforçava a ideia de que o sucesso dependia da assimilação da cultura, identidade e estética brancas. O silenciamento sobre a identidade racial era absoluto; a narrativa dominante era a da homogeneidade e da igualdade de oportunidades, onde qualquer desvio era interpretado como "preguiça" ou "falta de motivação". A conversão religiosa familiar, posteriormente, adicionou outra camada de apagamento cultural, eliminando ritos considerados "demoníacos". Mesmo na universidade, as discussões sobre identidade eram silenciadas. Tencionava-se um diálogo nos corredores sobre gênero e sexualidade por discentes atravessadas por questionamentos, enquanto a dimensão racial permanecia subsumida à análise de classe socioeconômica.

Essa bagagem ideológica permeou os primeiros anos como professora da educação básica, em Uauá, Ubatã e Jequié, a partir de 2001. A prática inicial carregava, inconscientemente, a missão civilizatória de "ensinar um saber que as aproxime do 'ser gente'", pautado em referenciais eurocêtricos: o inglês como língua universal, a literatura canônica como verdade única, o deus cristão como única divindade, a folclorização dos saberes afro-brasileiros e indígenas, e a



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

inserção no mercado de trabalho como forma de "ser útil" à sociedade, adotando seus códigos e vestimentas. Foi um evento pessoal, aparentemente banal, que catalisou a ruptura com essa visão de mundo: um bilhete da escola solicitando que se "penteasse o cabelo" de uma criança, um cabelo que "cresce para o céu, busca as alturas, não se deixa domesticar por um pente". A sugestão de tratamento químico foi o estopim para a busca por conhecimento epistemológico que permitisse compreender e combater a violência simbólica contida naquela mensagem.

Foi nesse contexto de dor pessoal e busca por respostas epistemológicas que ocorreu o conhecimento com o Órgão de Educação e Relações Étnico-Raciais (ODEERE) e a subsequente seleção para sua especialização. Sob a orientação do Professor Edson Dias Ferreira, desenvolvi a pesquisa intitulada 'A influência das telenovelas globais no universo identitário das adolescentes afro-brasileiras no bairro do KM4, periferia de Jequié', que se tornou um marco inicial na minha trajetória de estudos sobre relações étnico-raciais.

Adentrar esse espaço, em 2006, representou um confronto direto com a (re)colonização sofrida na escola. O próprio nome, ODEERE, como aponta Santana (2014), causava estranhamento por homenagear a cultura africana em um ambiente acadêmico regido pela ciência ocidental: "ODEERE ... junção entre as palavras ODÉ e ERÊ, abarca um programa que abrange estudos e pesquisa sobre a temática do legado africano no universo de uma instituição universitária regida por uma ciência ocidental, branca, cristã e maniqueísta" (SANTANA, 2014, p. 61). Esse encontro com o ODEERE marcou o início de um profundo processo de unir teoria e prática, racional e sensível, fundamental para repensar a prática pedagógica e o papel como educadora e pesquisadora engajada na luta antirracista.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Este artigo, portanto, propõe-se a analisar como o acesso ao ODEERE órgão que trabalha com formação continuada em educação para as relações étnico-raciais, faculta aliar à pesquisa e à ação direta no chão da escola, torna-se ferramenta indispensável para a construção de um PPP antirracista. Argumenta-se que tal processo, ao desafiar a ideologia da branquitude e seus privilégios naturalizados, exige um movimento constante de estudo, diálogo e enfrentamento das estruturas racistas, como condição para uma educação verdadeiramente libertadora e promotora da equidade. A experiência aqui relatada busca evidenciar os conceitos discutidos por Roberto Cardoso de Oliveira sobre etnia como construção relacional e identitária, articulando-os com as reflexões de Milton Santos sobre território e globalização, Nilma Lino Gomes sobre identidade negra e educação e Marise de Santana sobre conhecimento educação Afro-brasileira.

Metodologia/Método

A abordagem metodológica adotada neste trabalho configura-se como um relato de experiência ancorado nos princípios da pesquisa etnográfica. A natureza da investigação parte da vivência pessoal e profissional, entrelaçando a trajetória de formação, a atuação como gestora em uma escola reconhecida como quilombola e a prática como pesquisadora vinculada ao ODEERE. A pesquisa, neste contexto, não se limita a descrever uma realidade, mas busca intervir nela de forma crítica e reflexiva, promovendo transformações tanto no ambiente escolar quanto na própria pesquisadora (THIOLLENT, 1985).

A coleta de dados ocorreu de forma processual e contínua, envolvendo: 1. Análise documental: Exame do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola antes e depois das intervenções voltadas para a educação antirracista, registros de reuniões pedagógicas, planos das oficinas do Mais Educação, portfólios de estudantes monitoras, documentos referentes ao processo de reconhecimento da escola



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

como quilombola e o certificado Selo Educação para Igualdade Racial. 2. Observação participante: Registro sistemático das interações, desafios e avanços no cotidiano escolar, nas reuniões de formação com professoras, nos eventos acadêmicos com a participação das estudantes monitoras e nas discussões com a comunidade escolar. 3. Diário de campo: Anotações reflexivas sobre a própria prática, os dilemas enfrentados, as estratégias adotadas e as percepções sobre o impacto das ações no desenvolvimento da consciência crítica das estudantes e na desconstrução de práticas racistas. 4. Rodas de conversa: Diálogos informais e estruturados com estudantes (especialmente monitoras), professoras, funcionárias e membros da comunidade quilombola para coletar percepções sobre identidade, pertencimento, racismo e as mudanças implementadas na escola.

A análise dos dados inspira-se na abordagem etnográfica de James Clifford (1986), que reconhece o caráter parcial e situado de toda produção de conhecimento, especialmente quando se trata de interpretar experiências culturais. Clifford argumenta que a etnografia é sempre uma "verdade parcial", construída a partir de relações de poder e posicionalidades específicas. Neste trabalho, essa perspectiva é fundamental para compreender como os diferentes papéis assumidos (pesquisadora, gestora, formadora) produzem diferentes formas de conhecimento e intervenção, todas igualmente parciais e situadas. A interpretação busca articular a experiência vivida com os referenciais teóricos sobre relações étnico-raciais, identidade, território e ideologia (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976; SANTOS, 2000; SODRÉ, 2005; MUNANGA, 2000; GOMES, 2006; SANTANA, 2014), analisando como os conceitos teóricos se manifestam e são ressignificados na prática educativa antirracista.

A narrativa estrutura-se de forma a evidenciar a conexão entre a "dor pessoal" que impulsionou a busca por formação, o processo formativo no ODEERE como espaço de ordem e desordem de saberes, e as ações concretas desenvolvidas na escola



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

quilombola urbana. A triangulação dos papéis (pesquisadora, diretora, incentivadora de monitoria) é um elemento central da análise, buscando mostrar a complexidade e a potência de atuar em diferentes frentes na luta por uma educação antirracista.

Resultados e Discussões

A imersão no ODEERE e o aprofundamento nos estudos sobre relações étnico-raciais foram cruciais para descortinar as camadas da ideologia que naturalizavam as desigualdades e o racismo estrutural vivenciados desde a infância e reproduzidos, ainda que inconscientemente, na prática docente inicial. Compreender a etnia não como um dado biológico, mas como uma construção social, relacional e ideológica, conforme discute Cardoso de Oliveira (1976), foi fundamental para desconstruir a noção de uma identidade nacional homogênea e reconhecer as disputas e hierarquias que marcam as interações entre diferentes grupos.

A "ilusão étnica", como definida pelo autor, que mascara as relações de poder sob o véu da cultura ou da diferença, revelou-se potente na análise da própria trajetória e do contexto escolar. A escola, como espaço de formação, historicamente serviu como aparelho ideológico do Estado, promovendo a assimilação da cultura branca como universal e desejável, silenciando e folclorizando outros saberes e identidades. Gomes (2017) aponta como a identidade negra é constantemente negociada e desafiada nesse ambiente, exigindo um processo contínuo de conscientização e afirmação.

A experiência com o bilhete sobre o cabelo tornou-se um símbolo dessa disputa. O cabelo crespo, historicamente estigmatizado, representa um marcador visível da diferença e da resistência. A pressão pela domesticação química reflete a imposição de um padrão estético branco e a negação da beleza e da identidade



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

negra. Como afirma Gomes (2017), discutir a estética negra na escola é um ato político fundamental para a construção da autoestima e o combate ao racismo.

A Práxis no Chão da Escola Quilombola:

Assumir a direção de uma escola e iniciar o processo de reconhecimento quilombola intensificou esses desafios e possibilidades. O primeiro passo foi iniciar um diálogo profundo com a comunidade escolar (professoras, funcionárias, estudantes, famílias) sobre o que significava ser uma escola quilombola e como construir um PPP que refletisse essa identidade e promovesse uma educação afro-brasileira. Esse diálogo, muitas vezes tenso, expôs a fricção com os privilégios da branquitude mencionada na introdução. Professoras e funcionárias, mesmo bem-intencionadas, reproduziam discursos e práticas aculturadas, acreditando na neutralidade do currículo ou na suficiência de tratar a cultura negra apenas em datas comemorativas. A resistência manifestava-se no apego a métodos tradicionais, na dificuldade em incorporar saberes locais e na crença de que abordar o racismo explicitamente poderia "criar problemas" ou "dividir" a comunidade.

Retomando Gomes (2017), a ideologia dominante dificultava o reconhecimento do racismo como estrutura e não apenas como atos individuais de preconceito. Foi necessário um trabalho persistente de formação continuada, estudo coletivo dos referenciais sobre educação étnico-racial e valorização das histórias e saberes da própria comunidade quilombola para começar a deslocar essas percepções. O PPP deixou de ser um documento burocrático para se tornar um espaço vivo de disputa e construção coletiva, incorporando a história local, as práticas culturais, a ancestralidade e as lutas do quilombo no currículo.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Monitoria Discente como Ferramenta de Consciência Crítica:

Uma das ações centrais nesse processo foi a criação de um programa de monitoria, levando estudantes da educação básica para participar de eventos acadêmicos no ODEERE e em outros espaços de discussão sobre relações étnico-raciais. Essa iniciativa visava romper com a visão da universidade como um espaço distante e inacessível, além de proporcionar às estudantes um contato direto com pesquisas, debates e intelectuais engajadas na denúncia do racismo. A experiência de circular nesses ambientes, apresentar trabalhos e dialogar com universitárias e pesquisadoras promoveu um salto qualitativo na consciência crítica dessas jovens.

Elas passaram a questionar o próprio currículo escolar, a identificar o racismo em diferentes situações cotidianas e a se reconhecerem como sujeitas produtoras de conhecimento. A monitoria tornou-se um espaço de formação política e identitária, onde estudantes não apenas aprendiam sobre relações étnico-raciais, mas também ensinavam, a partir de suas vivências e perspectivas. Essa ação dialoga com a perspectiva de Milton Santos (2006) sobre a necessidade de construir "uma outra globalização", que parta dos lugares, dos territórios e das experiências locais para propor alternativas ao pensamento único. Ao conectar a escola quilombola urbana à universidade, criou-se um fluxo de saberes que desafiava as hierarquias tradicionais e fortalecia a identidade e o protagonismo das estudantes.

Triangulação de Papéis e a Fricção Constante:

A atuação simultânea como pesquisadora (vinculada ao ODEERE), diretora da escola e incentivadora da monitoria gerou uma dinâmica complexa e, por vezes, conflituosa. Como pesquisadora, buscava-se analisar criticamente a realidade,



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

utilizando os referenciais teóricos para compreender as estruturas e os processos em jogo. Como diretora, era necessário gerenciar o cotidiano escolar, mediar conflitos, implementar políticas e garantir o funcionamento da instituição dentro das normas do sistema educacional. Como incentivadora da monitoria, atuava-se na formação direta das estudantes, acompanhando seu desenvolvimento e articulando sua participação nos eventos.

Essa triangulação permitiu uma visão multifacetada do processo, mas também expôs as contradições e tensões inerentes à tentativa de transformar uma estrutura racista a partir de dentro. A fricção com os privilégios da branquitude não se limitava à resistência de colegas, mas também se manifestava nas próprias estruturas burocráticas, na falta de recursos, na desconfiança de órgãos superiores e na dificuldade em romper com a lógica de controle e avaliação pautada em critérios eurocêntricos. O reconhecimento da escola como quilombola, por exemplo, foi uma conquista importante, mas exigiu uma luta constante para garantir que esse reconhecimento se traduzisse em políticas pedagógicas e recursos adequados, e não apenas em um selo formal.

A abordagem etnográfica de Clifford (1986) nos ajuda a compreender como esses diferentes papéis produzem diferentes formas de conhecimento e intervenção. Como observa o autor, toda etnografia é uma "verdade parcial", construída a partir de relações de poder específicas. No caso deste trabalho, cada papel assumido (pesquisadora, gestora, formadora) produzia uma forma específica de conhecer e intervir na realidade, todas igualmente parciais e situadas. A consciência dessa parcialidade, longe de ser uma limitação, tornou-se uma potência, permitindo uma compreensão mais complexa e multifacetada do processo de construção de uma educação antirracista.

Conclusões



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

A trajetória analisada neste artigo evidencia a potência da articulação entre formação continuada dentro de um espaço de educação e relações étnicas, a pesquisa e a ação direta no chão da escola para a construção de uma educação antirracista. O encontro com o ODEERE, como espaço de formação e produção de conhecimento sobre relações étnico-raciais, foi fundamental para descortinar as camadas da ideologia que naturalizavam o racismo e para fornecer referenciais teóricos e metodológicos que permitissem compreender e transformar a realidade escolar.

A experiência de assumir a direção de uma escola e iniciar o processo de reconhecimento quilombola intensificou os desafios e possibilidades dessa articulação. A triangulação dos papéis de pesquisadora, gestora e formadora permitiu uma visão multifacetada do processo, evidenciando as contradições e tensões inerentes à tentativa de transformar uma estrutura racista a partir de dentro. A fricção com os privilégios da branquitude manifestou-se não apenas na resistência de colegas, mas também nas próprias estruturas burocráticas e na dificuldade em romper com a lógica de controle e avaliação pautada em critérios eurocêntricos.

A criação de um programa de monitoria, levando estudantes da educação básica para participar de eventos acadêmicos, revelou-se uma estratégia potente para a promoção da consciência crítica e do protagonismo dessas jovens. A experiência de circular em espaços acadêmicos, apresentar trabalhos e dialogar com pesquisadoras engajadas na denúncia do racismo promoveu um salto qualitativo na forma como essas estudantes compreendiam a si mesmas e ao mundo ao seu redor.

A abordagem etnográfica de Clifford (1998) nos ajudou a compreender como os diferentes papéis assumidos produzem diferentes formas de conhecimento e intervenção, todas igualmente parciais e situadas. A consciência dessa



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

parcialidade, longe de ser uma limitação, tornou-se uma potência, permitindo uma compreensão mais complexa e multifacetada do processo de construção de uma educação antirracista.

Por fim, este trabalho reafirma a necessidade fundamental do estudo, diálogo e pesquisa sobre educação étnico-racial para a construção de Projetos Político-Pedagógicos efetivamente antirracistas. Tal processo, ao desafiar a ideologia da branquitude e seus privilégios naturalizados, exige um movimento constante de enfrentamento das estruturas racistas, como condição para uma educação verdadeiramente libertadora e promotora da equidade.

Referências

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- FERNANDES, A. O.; SOUZA, M. L. PEROVANO, N. F. **Metodologias contracoloniais em relações étnicas raciais e de gênero**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2023.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- SANTANA, Marise de. **ODDERE: Formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.
- SANTANA, Marise de; FERREIRA, Edson Dias; NASCIMENTO, Washington. **Etnicidades em trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.



Colegiado do curso de

DANÇA

